

## Ἑλληνισμός em 2 Macabeus<sup>1</sup>

Willibaldo Ruppenthal Neto<sup>2</sup>

Recibido: 30 de Enero de 2019 / Aceptado: 25 de Mayo de 2019

**Resumo:** O presente artigo visa analisar o significado de Ἑλληνισμός em 2 Macabeus, percebendo tal uso dentro de um contexto de ressignificação do termo no período helenístico. Para isto, se analisa o sentido original de Ἑλληνισμός em relação ao verbo Ἑλληνίζω e sua transformação ao longo do tempo, especialmente no contexto helenístico. Também, se busca analisar o sentido que os termos relacionados a Βαρβαρισμός e Ἑλληνας têm em 2 Macabeus e sua importância no estabelecimento de um novo sentido para Ἑλληνισμός neste livro.

**Palavras-chave:** Ἑλληνισμός; βαρβαρισμός; judeus; judaísmo; 2 Macabeus.

## [en] Ἑλληνισμός in 2 Maccabees

**Abstract:** The present article aims to analyze the meaning of Ἑλληνισμός in 2 Maccabees, perceiving this use within a context of the re-signification of the term in the Hellenistic period. With this intention, we analyze the original meaning of Ἑλληνισμός in relation to the verb Ἑλληνίζω and its transformation over time, especially in the Hellenistic context. Also, the article analyzes the meaning that the terms related to Βαρβαρισμός and Ἑλληνας have in 2 Maccabees and its importance in establishing a new meaning for Ἑλληνισμός in this book.

**Keywords:** Ἑλληνισμός; βαρβαρισμός; Jews; Judaism; 2 Maccabees.

**Sumario.** 1. Introdução. 2. O substantivo Ἑλληνισμός e o verbo Ἑλληνίζω. 3. Ἑλληνισμός e βαρβαρισμός. 4. Βαρβαρισμός e βάρβαρος em 2 Macabeus. 5. Ἑλληνας em 2 Macabeus. 6. O significado de Ἑλληνισμός em 2 Macabeus. 7. Conclusões.

**Cómo citar:** Ruppenthal Neto, W. (2020), Ἑλληνισμός em 2 Macabeus, en *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios griegos e indoeuropeos* 30, 175-188.

<sup>1</sup> Este artigo é parte de minha dissertação de Mestrado em História pela UFPR, defendida em 2018, com modificações. Tal pesquisa de dissertação contou com apoio financeiro do CNPq, Brasil, mediante bolsa de Mestrado.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Paraná.  
willibaldoneto@hotmail.com

## 1. Introdução

Apesar da relação entre judeus e gregos na Antiguidade ter sido marcada por um forte cuidado de muitos judeus em se evitar o uso da língua grega<sup>3</sup> ou até mesmo de palavras gregas<sup>4</sup>, o livro de 2 Macabeus não foi somente escrito em grego, mas também utiliza de um vocabulário próprio da cultura grega<sup>5</sup>. Este uso, porém, é marcado por profundas ressignificações<sup>6</sup>, especialmente no que diz respeito ao termo Ἑλληνισμός, que passa a ter um sentido completamente diferente em relação ao seu uso dentro da cultura grega, mesmo que parta em boa medida de concepções gregas para estabelecer esta ressignificação. Mas, que ressignificação é esta? Qual o significado que o termo Ἑλληνισμός tem em seu uso no livro de 2 Macabeus? Antes de responder a tais perguntas, é necessária uma verificação do estado da questão no debate acadêmico.

Apesar de Erich S. Gruen (1998: 3) ter destacado o fato de que o judaísmo (Ἰουδαϊσμός) não se apresenta no texto de 2 Macabeus em justaposição direta a Ἑλληνισμός, outros autores, tais como Daniel R. Schwartz, destacaram que se deve considerar não somente o fato de que ambos os termos – Ἑλληνισμός e Ἰουδαϊσμός – são termos novos ou pelo menos com novos significados em 2 Macabeus, mas também que ambos se apresentam com a mesma estrutura (-ισμός), deixando claro que “o autor viu cada um à luz do outro” (Schwartz 2008: 173).

<sup>3</sup> Como Flávio Josefo destacou, a grande maioria do povo judeu teve menor inclinação ao aprendizado das línguas estrangeiras, como o grego, se comparados aos povos de outras nações. Cf. J., *AJ*, 20.12.264. De fato, pela importância religiosa do hebraico e do texto sagrado, os judeus escaparam em certa medida da usual condição na qual as línguas nativas eram associadas àqueles que não sabiam ler e escrever. Cf. Barr 1989: 101. Afinal, o estudo religioso e legislativo implicava no estudo da língua hebraica, preservando-a mesmo que de modo parcial e passivo (leitura > fala). Cf. Barr 1989: 110. Mesmo assim, porém, como indicou Werner Jaeger, no primeiro século da Era Comum o grego já era utilizado na Palestina “no comércio e nos negócios, mesmo pelos menos educados, num grau muito maior do que os estudiosos têm assumido” (Jaeger 2002: 18, nota 7). Em boa medida isto se deu pelo fato de que sua “esfera de influência foi muito para além da do aramaico, a língua oficial do império Persa” (Hengel 1974: 58 [I]).

<sup>4</sup> Como bem lembra Gideon Bohak, “numerosas palavras gregas entraram nos vocabulários de todas as outras línguas” (Bohak 2000: 351) do Mundo Helenístico, inclusive no caso da cultura romana (latim). Porém, muitas vezes havia recusas em relação ao uso destas palavras gregas, não somente por parte de judeus (como os membros de Qumran), mas também de falantes do latim (em Roma) e do demótico (no Egito). Cf. Bohak 2000: 351. Mesmo no caso da fechada comunidade de Qumran há uso de palavras gregas, como no caso do Manuscrito de Cobre (3Q15), cf. García Martínez 2003: 119-145. A respeito do uso de palavras, termos e frases gregas na literatura rabínica, cf. Lieberman 1942. Quanto à entrada de palavras gregas no vocabulário hebraico e aramaico, pode-se pensar em um processo que, aparentemente, começou por instrumentos e artes (cf. García Martínez 2003: 145; Rajak 2001: 64): pode-se observar nomes gregos de instrumentos musicais no livro de Daniel (*Da.* 3.5, 7, 10, 15) e termos arquitetônicos gregos no caso do Manuscrito de Cobre. A respeito da influência grega na arquitetura oriental do período helenístico, cf. Colledge 1987.

<sup>5</sup> Diferente de 1 Macabeus, o livro de 2 Macabeus foi originalmente escrito em grego, utilizando do vocabulário próprio da historiografia helenística. Segundo Jan Willem van Henten (2003: 66, nota 9), a semelhança vai para além do simples vocabulário, de modo que a “ortografia, sintaxe, estilo literário e vocabulário”, do livro de 2 Macabeus correspondem “ao que é encontrado nos escritos de historiadores não judeus do período helenístico”.

<sup>6</sup> O uso de termos gregos por autores judaicos representa ao mesmo tempo influência da cultura grega e conservação da cultura judaica. Um grande exemplo neste sentido é Filo de Alexandria que, apesar de construir sua filosofia não somente fundamentado na filosofia grega como também na língua grega, ressignifica diversos termos gregos em conceitos propriamente judaicos, de modo que muitas palavras gregas comuns (ex.: νόμος, νομοθεσία, παράδοσις, δόγμα, δικαιοσύνη, σοφία e λόγος) passam a ter um sentido próprio que Naomi G. Cohen chama de “Judeu-Grego”. Cf. Cohen 2002: 31-61 (esp. 32). Também outros termos parecem terem sido criados por Filo (ou pela comunidade judaica) – sendo chamados por David Runia de “*verba Philonica*” –, uma vez que não aparecem na literatura grega anterior a ele e possuem importância particular tanto no judaísmo como no posterior cristianismo. Cf. Cohen 2002: 32.

Nesta perspectiva, Sylvie Honigman (2014: 201) entende Ἰουδαϊσμός e Ἑλληνισμός em 2 Macabeus como neologismos, “um morfológico e um semântico”, os quais lhe servem de fundamentação para a estrutura de sua análise tanto de 2 Macabeus quanto de 1 Macabeus, vistos em conjunto, a partir da tradição judaica, como história dinástica própria do Ἰουδαϊσμός e a partir da análise das causas da Revolta dos Macabeus, centralizadas na cultura helenística, ou seja, no Ἑλληνισμός. Porém, apesar da importância destes termos na estrutura de seu livro *Tales of High Priests and Taxes* (2014), nomeando as duas primeiras partes de seu trabalho, a autora não faz uma análise pormenorizada dos usos dos termos dentro de 2 Macabeus, nem de sua relação.

Tal análise mais pormenorizada da relação dos termos foi realizada por Martha Himmelfarb (1998), que buscou demonstrar a importância da oposição entre Ἰουδαϊσμός e Ἑλληνισμός para a compreensão a respeito do livro de 2 Macabeus, indicando que a ressignificação de Ἑλληνισμός pelo autor de 2 Macabeus tem a clara intenção de “servir como oposto” a Ἰουδαϊσμός (Himmelfarb 1998: 24). Porém, apesar de destacar que o uso de Ἑλληνισμός como “modo de vida grego” ser aparentemente uma “cunhagem de 2 Macabeus”, não apresenta uma análise dos significados prévios do termo, a fim de contrastar os significados, nem da importância da semelhança estrutural dos termos, deixando de fora elementos importantes, tais como o uso do termo βαρβαρισμός.

Quem evidencia que há uma relação entre βαρβαρισμός, Ἑλληνισμός e Ἰουδαϊσμός é Yehoshua Amir (1984), em seu estudo a respeito do termo Ἰουδαϊσμός. Porém, apesar de apresentar a relação com βαρβαρισμός na construção de Ἑλληνισμός, por oposição, não percebe o uso do próprio βαρβαρισμός em 2 Macabeus, na construção do termo Ἰουδαϊσμός em oposição a Ἑλληνισμός. Também, não desenvolve uma análise pormenorizada a respeito de Ἑλληνισμός: o destaca pela sua semelhança estrutural com Ἰουδαϊσμός, mas não enfatiza sua importância na construção deste termo em 2 Macabeus, como mecanismo de definição por oposição. Gary Morrison (2004: 137, nota 11), em sua tese de doutorado, chega a indicar esta relação em uma nota de rodapé, porém, acaba não entrando em pormenores a respeito do termo Ἑλληνισμός em 2 Macabeus nem de sua relação com βαρβαρισμός dentro do texto, apesar de seu trabalho ser particularmente importante na evidenciação de que 2 Macabeus constrói uma identidade cultural judaica a partir da oposição de Ἰουδαϊσμός a Ἑλληνισμός tal qual a identidade grega se constituiu na oposição de Ἑλληνισμός a βαρβαρισμός.

Sendo assim, o presente trabalho visa apresentar um estudo que ocupa uma considerável lacuna do debate acadêmico, não somente pela ainda pouco estudada relação entre os termos βαρβαρισμός, Ἑλληνισμός e Ἰουδαϊσμός, mas também pela análise pormenorizado do significado de Ἑλληνισμός no particular caso de 2 Macabeus. Afinal, se faz importante notar que, apesar da particularidade evidente do uso do termo Ἑλληνισμός em 2 Macabeus, há uma clara ausência deste caso em estudos a respeito do termo Ἑλληνισμός, como é o caso do artigo de Norman Austin (2012) que, apesar de fazer menções ao judaísmo helenístico (citando Josefo e lembrando do apóstolo João como “judeu helenizado”), não faz nenhuma referência a 2 Macabeus.

## 2. O substantivo Ἑλληνισμός e o verbo Ἑλληνίζω

Segundo Werner Jaeger, a palavra grega Ἑλληνισμός é o substantivo derivado do verbo Ἑλληνίζω, cujo significado original se referia ao uso correto da língua gre-

ga (Jaeger 2002: nota 6)<sup>7</sup>. Diferente do verbo Ἑλληνίζω, porém, seu substantivo (Ἑλληνισμός) parece ter surgido somente no período helenístico, tendo sido empregado pela primeira vez por professores de retórica. Teofrasto<sup>8</sup>, por exemplo, utiliza o termo como a primeira e mais simples virtude da dicção, empregando-o como “um uso gramaticalmente correto da língua grega, o grego livre de barbarismos e solecismos”, como indicou Jaeger (2002: 17, nota 6)<sup>9</sup>. Entretanto, com o avançar do período helenístico e, principalmente, com as desapropriações e readequações da língua grega pelos demais povos<sup>10</sup>, a palavra Ἑλληνισμός passou a designar algo não somente diverso como quase que completamente oposto ao sentido que Teofrasto lhe dava: se antes representava o uso “correto” da língua grega, livre da influência bárbara<sup>11</sup>, agora passava a significar não somente a adoção estrangeira (bárbara) dos costumes e modo de vida gregos (Jaeger 2002: 17, nota 6), mas também o próprio uso da língua grega em sua forma corrente no mundo helenístico: o grego denominado κοινή<sup>12</sup>.

A transformação no significado do termo Ἑλληνισμός, porém, não é um fato isolado, mas antes acompanha uma tendência linguística presente na história de outros termos. Como bem indicado por Norman Austin (2012: 5), seu verbo de origem, Ἑλληνίζω, pertence ao grupo de verbos que Albert Debrunner denominou como “*Imitativa*”, uma vez que seu acréscimo [Ἑλλην]-ίζω parece seguir a tendência de significar ‘*ser como...*’, de modo muito semelhante ao que ocorre com outros verbos do grupo<sup>13</sup>. Assim, pode-se comparar a transformação do verbo Ἑλληνίζω no substantivo Ἑλληνισμός com os processos equivalentes dos verbos Ἀττικίζω e Λακωνίζω nos substantivos Ἀττικισμός e Λακωνισμός. Estes termos, apesar de terem primeiramente seu significado literal, ou seja, de se falar o grego ático (Ἀττικίζω) ou o grego lacônico (Λακωνίζω), passaram também, como indicado por David F. Graf (1984: 15), a “conotar uma atitude cultural, significando ‘se comportar do modo ático’”,

<sup>7</sup> Sobre o verbo Ἑλληνίζω, cf. LSJ 1996: 536, que apresenta os sentidos de ‘falar grego’ (Pl., *Men.*, 82b; *Chrm.*, 159a; *Prt.*, 328a), ‘falar grego corretamente’ (Arist., *Rh.*, 1407a19; D.H., *Pomp.*, 2.5; S.E., *M.*, 1.186), etc.

<sup>8</sup> Teofrasto (372-288/7 a.C.) foi um filósofo grego, discípulo de Aristóteles e seu sucessor na escola peripatética. Sobre Teofrasto, cf. Kosmetatou 2013: 6691-6693; Stern 1976: 8-9 (I).

<sup>9</sup> Um sentido semelhante é empregado pelo estoico Diógenes da Babilônia (3.214), por Filodemo (*Po.*, 2.18), por Apolônio Díscolo (*Pron.*, 71.25), por Sextus Empiricus (*M.*, 1.98), e no *Lex. Vind.*

<sup>10</sup> Werner Jaeger destaca que no século IV a.C. “os estrangeiros de todos os estratos haviam se tornado tão numerosos que exerciam uma influência deteriorante no idioma falado, até na língua dos próprios gregos” (Jaeger 2002: 17, nota 6).

<sup>11</sup> O termo Ἑλληνίζω chegava a ser empregado em alguns casos em oposição ao termo βαρβαρίζω, cf. S.E., *M.*, 1.246; LSJ 1996: 536.

<sup>12</sup> Cf. *POxy*, 1012, frag. 17 (Ἑλληνισμός). Cabe se destacar que, neste caso, Ἑλληνισμός se constitui em oposição estrita ao Ἀττικισμός. Cf. também Posidipp., 28 (Ἑλληνίζομεν). O grego denominado ἡ κοινή διάλεκτος, ‘o dileto comum’, também chamado de κοινή, ‘comum’, apesar de sua rápida expansão e ampla disseminação, sofreu resistências não somente por parte de “bárbaros”, mas também de gregos, principalmente dos habitantes da Grécia continental e das ilhas ao longo do Egeu, os quais buscavam preservar a identidade cultural grega em seus moldes clássicos, em seus dialetos locais, fazendo com que houvesse interesse na conservação linguística. Cf. Missiou 2007: 335. Esta forma do grego se deu principalmente como uma mistura tendo como base principal os dialetos ático e iônico (cf. Bubenik 2007: 342-345) ao longo de um processo de reconfiguração linguística que se iniciou no séc. V a.C., mas que foi acelerado em decorrência da expansão do Império de Alexandre, o Grande, de modo que no momento de sua morte o κοινή já estava consideravelmente disseminado e constituído. Cf. Barr 1989: 99.

<sup>13</sup> Os verbos da categoria “*Imitativa*”, mesmo que não resultem em substantivos como Ἑλληνισμός (que provém do verbo Ἑλληνίζω), provêm de substantivos (p.e.: Ἑλληνες) referentes a grupos de pessoas. Os casos possíveis, portanto, geralmente são verbos decorrentes de substantivos relativos a outros povos (com a raiz acrescida de -ίζω), a exemplo de Ἀττικίζω, Λακωνίζω, Ἰωνίζω, Βοιωτίζω, Θεσσαλίζω e Λυδίζω. Cf. Graf 1984: 15, nota 2.

ou ‘do modo lacônico’, podendo até se estender ao significado de conspiração com outro Estado, com Atenas ou Esparta”. Algo muito semelhante se deu com o termo Ἑλληνισμός, não somente no decorrer do período helenístico, mas principalmente mediante seu emprego por parte dos judeus.

### 3. Ἑλληνισμός e βαρβαρισμός

Se o conceito de Ἑλληνισμός formou-se especialmente a partir da oposição entre os verbos Ἑλληνίζω e βαρβαρίζω, inicialmente referindo-se à forma correta de se falar o grego (Ἑλληνίζω) em oposição à deturpação da língua grega por influência externa (βαρβαρίζω<sup>14</sup>), 2 Macabeus altera completamente o sentido de Ἑλληνισμός quando o aproxima e mesmo o equivale a um βαρβαρισμός. Semelhante a Ἑλληνισμός, também o termo βαρβαρισμός surge a partir de uma ideia relativa à língua: Homero designa os cários como βαρβαρόφωνοι, um “epiteto onomatopéico que indica a ininteligibilidade de sua fala”, como lembra Paul Cartledge (2007: 307)<sup>15</sup>. Designava-se como “bárbaro” (βάρβαρος), portanto, aquele que não era compreendido por sua fala, ou seja, aquele que não falava o grego<sup>16</sup>, estando em oposição ao[s] ‘heleno[s]’ (Ἕλληνες<sup>17</sup>), a designação dos gregos, ou seja, dos povos e indivíduos que falam grego. Com o tempo, porém, o termo passou a ganhar um sentido mais específico, relacionando-se primeiramente aos Medos e Persas<sup>18</sup>, e depois<sup>19</sup> às características de rudeza, brutalidade<sup>20</sup> e, principalmente, ignorância, que se vincula ao sentido original relativo à fala: o βάρβαρος não é somente quem não sabe o grego, mas quem não se faz entender<sup>21</sup> ou não se comunica<sup>22</sup>.

<sup>14</sup> Cf. LSJ, 1996: 306. O termo βαρβαρίζω pode se referir tanto ao falar o grego de modo “quebrado” (Hdt. 2.57; Philostr., *V.A.*, 1.21; Arr., *An.*, 7.6.5), quanto violar as normas da linguagem (cometer “barbarismos”): Cf. Arist., *SE*, 165b21; Plb. 39.1.7; Str. 14.2.28; Luc., *Rh.Pr.*, 17.23. Cf. Gillett, 2013: 1043-1045.

<sup>15</sup> Cartledge segue a interpretação de Estrabão (Str. 14.2.28), segundo o qual o termo é uma construção onomatopéica. Pela vinculação implícita do termo βαρβαρόφωνοι (que também é utilizado em relação aos persas em Hdt. 8.135.3 e Th. 2.68.5) com a ideia de língua mediante a expressão onomatopéica βαρβαρ[-], faz-se desnecessário o acréscimo [-]φωνος, de modo que o termo se preserve em forma reduzida: βάρβαρος, cf. A., *Ag.*, 1051; Pl., *Ptr.*, 341c; Hdt. 2.57; S., *Aj.*, 1263.

<sup>16</sup> A definição entre grego ou bárbaro se dava na relação com a língua grega, de modo que “os bárbaros eram, então, todos aqueles que não a compreendiam, nem a falavam ou que a falavam incorretamente” (Todorov, 2010: 24-25). Cf. *Act. Ap.* 28.2.4.

<sup>17</sup> Cf. esta oposição especialmente em: Pl., *Plt.*, 262d; Th. 1.3; Arist., *Pol.*, 1252b5; Str. 14.2.28.

<sup>18</sup> Cf. p.e.: A., *Pers.*, 255; Hdt. 1.58.

<sup>19</sup> Em certa medida a associação do termo βάρβαρος aos Medos e Persas se deu durante as Guerras Médicas, assim como sua associação com características negativas se deu no período após estas guerras.

<sup>20</sup> Cf. LSJ 1996: 306; p. e. (βάρβατικός): Plu., *Mor.*, 2.114e (violento); Plu., *Vit. Dio.*, 35; Plu., *Alex.*, 2. E também (βαρβαρισμός): Ar., *Nu.*, 492; D., *Orat.*, 21.150; 26.17; Men., *Epit.*, 477; X.Eph., 2.4. Cf. também casos em que variações do termo βάρβαρος possuem sentido semelhante: Ar., *Av.*, 1573; X., *An.*, 5.4.34; Th. 8.98. Plutarco chega a estabelecer que “a diferença entre gregos e bárbaros não é uma questão de capa ou escudo, ou de uma cimitarra e vestido medo”, mas antes “o que distingue os gregos é a excelência, enquanto a malvadeza era a marca do bárbaro; roupas, comida, casamento e modo de vida eles podem todos tomar como comuns, estando unidos pelos laços de sangue e a criação de filhos” (Plu., *Alex.*, 1.329D = Austin 2006: 58, nº 22).

<sup>21</sup> “Existem no mundo não sei quantas espécies de linguagem, e nada carece de linguagem. Ora, se não conheço a força da linguagem, serei como um bárbaro para aquele que fala, e aquele que fala será como um bárbaro para mim” (*I Ep.Cor.* 14.10-11).

<sup>22</sup> É evidente que este empecilho de comunicação, nos casos dos reis persas, era parcialmente superado pelo uso de intérpretes assim como pela presença de gregos empregados em várias funções. Cf. Mosley 1971: 5.

#### 4. Βαρβαρισμός e βάρβαρος em 2 Macabeus

Em 2 Macabeus, porém, o termo βάρβαρος é completamente invertido, caracterizando justamente os gregos, em oposição aos judeus: assim, o autor de 2 Macabeus pode afirmar que escreve a história “[d]as aparições vindas do céu em favor dos que generosamente realizaram façanhas pelo *judáismo*, a ponto de, embora poucos, devastarem todo o país e porem em fuga as hordas *bárbaras*” (2 *Ma.* 2.21<sup>23</sup>, BJ, grifo nosso), ou seja, o exército ‘grego’ (cf. 2 *Ma.* 13.2). Também, em oração, os judeus pedem a Deus que não fossem mais entregues às “nações blasfemas e bárbaras [βλασφημιοὶ καὶ βαρβάροις ἔθνεσιν]” (2 *Ma.* 10.4, BJ)<sup>24</sup>.

Uma vez que os selêucidas são, em certa medida, sucessores de Alexandre, o Grande, são designados pelos judeus como ‘gregos’. Deste modo, em 1 Macabeus se denomina a Era Selêucida como os anos “da dominação dos gregos” (1 *Ma.* 1.10) assim como se refere ao Império Selêucida como o ‘reino dos gregos’ (βασιλείας Ἑλλήνων, cf. 1 *Ma.* 1.10). De modo semelhante os textos talmúdicos e midráshicos tendem a apresentá-los como יַגְרִימִי, termo bíblico para os gregos (cf. *Megillah* 11a; Torrey, 1904: 303), apesar de outros termos como גִּי também serem utilizados (cf. p.e. *Midrash Esther*).

Os selêucidas, portanto, eram usualmente designados pelos judeus como ‘gregos’. Porém, em 2 Macabeus, são designados como βάρβαρος, um termo que tende a ser pensado justamente como a designação do ‘não grego’. Porém, apesar do termo βάρβαρος servir aos gregos para designar justamente os ‘não gregos’, passa também a carregar, com o tempo, algumas características que antes eram indicadas como

<sup>23</sup> Grego (LXX): “καὶ τὰς ἐξ οὐρανοῦ γενομένας ἐπιφανείας τοῖς ὑπὲρ τοῦ **Ἰουδαϊσμοῦ** φιλοτίμως ἀνδραγαθήσασιν ὥστε τὴν ὅλην χώραν ὀλίγους ὄντας λεηλατεῖν καὶ τὰ **βάρβαρα** πλήθῃ διώκειν” (grifo nosso). Apesar da Vulgata Latina trazer a tradução “*pro Judæis*” ao invés de segui-la (como o faz a Douay-Rheims Version [DRV], “*on the behalf of the Jews*”, e a Wycliffe Bible [WB], “*for (the) Jews*”), as traduções em geral seguem o texto original, buscando manter a ideia de referência ao “judáismo”, como é o caso da Bíblia Ave Maria [BAM], Bíblia Latinoamericana [BL], La Santa Biblia [LSB], The New American Bible [NAB], Bíblia de Jerusalém [BJ], Die Bibel [DB], La Bibbia [LB], New English Translation of the Septuagint [NETS], e King James Version [KJV]. Uma exceção é a Traducción en lenguaje actual [TLA], que traz a expressão “*la religión de los judíos*”. Quanto ao que diz respeito ao termo βάρβαρα, várias traduções trazem, ao invés de ‘bárbaros’, a expressão ‘estrangeiros’, como é o caso da BL (‘mucedumbres de extranjeros’), LSB (‘ejércitos extranjeros’), El Libro del Pueblo de Dios (‘hordas extranjeras’), e a tradução de John R. Bartlett (1973: 232) ‘foreign hordes’, que se contrapõem às versões que buscam manter a literalidade do original, como é o caso da BJ (‘hordas bárbaras’), NAB (‘barbarian hordes’), DRV (‘barbarous multitude’), DB (‘die Massen der Barbaren’), LB (‘orde barbare’), KJV (‘barbarous multitudes’), e das versões de Jonathan A. Goldstein (1983: 189), ‘barbarian hordes’ (a mesma expressão é utilizada também pela NETS), e de Daniel R. Schwartz (2008: 170), ‘barbaric hordes’. Diferente das demais versões apresentadas, porém, a Bíblia Edição Pastoral [BEP] traz uma interpretação de βάρβαρα como uma referência à violência, traduzindo o texto com a expressão ‘multidões de inimigos violentos’.

<sup>24</sup> Como bem lembra Daniel R. Schwartz (2008: 174), a designação de ‘bárbaro’ em 2 Macabeus diz respeito não somente à crueldade, mas também à origem étnica, como fica claro neste texto, que fala das “nações blasfemas e bárbaras”. A fim de destacar este aspecto, traduz a expressão com destaque à etnicidade não-judaica dos mesmos, falando em ‘blasphemous and barbaric Gentiles’ (Schwartz 2008: 369), possivelmente seguindo Jonathan A. Goldstein (1983: 374), que faz justamente a mesma tradução desta expressão (‘blasphemous and barbaric gentiles’). Há traduções que acompanham Goldstein e Schwartz, falando em ‘gentis’ (NAB, LSB), mas a maioria das traduções são mais genéricas, não indicando o aspecto gentilício, mas se referindo de modo geral a ‘nações’, a exemplo da LB (‘genti’), KJV (‘nations’, mesma expressão da NETS), e a DRV (‘men’), que parece seguir a tradução da Vulgata Latina (‘hominibus’). No que diz respeito à designação de ‘bárbaros’ (βαρβάροις), a BL apresenta uma interpretação específica, entendendo ‘bárbaro’ como ‘feroz’, e traduzindo a expressão completa como ‘extranjeros blasfemos y feroces’.

sendo próprias dos ‘não gregos’, as quais, em 2 Macabeus, são percebidas como condizentes justamente aos selêucidas. Ou seja, ao serem denominados βάρβαρος, os selêucidas são caracterizados como rudes, brutais<sup>25</sup>, ignorantes<sup>26</sup>, e, acima de tudo, marcados pela sua tirania: afinal, para os gregos, o τύραννος era ao mesmo tempo grego e não-grego. Como bem lembra François Hartog (1999: 219), o tirano é “ao mesmo tempo grego e real [monárquico], portanto, ao mesmo tempo ‘grego’ e ‘não-grego’”. De modo semelhante, Domingo Plácido Suárez (2007: 153) indica que as monarquias helenísticas são marcadas por um fator oriental, que “se identifica com o bárbaro e o despotismo, ao mesmo tempo que recupera a identificação [grega] arcaica com a tirania”.

A tirania, portanto, é o modelo de poder bárbaro (monarquia despótica)<sup>27</sup> em mãos de um grego<sup>28</sup>. É, portanto, a característica principal desta aparente contradição na qual os selêucidas são inseridos, como gregos que são, ao mesmo tempo, bárbaros. Porém, para além disto, a tirania não é considerada uma forma política bárbara somente pelo seu caráter monárquico, mas também porque é marcada pela imposição ao invés da negociação. Afinal, conforme Tzvetan Todorov (2010: 26), pode-se pensar que “os bárbaros são aqueles que, em vez de reconhecerem os outros como seres humanos semelhantes a eles, acabam por considerá-los como assimiláveis aos animais, ao consumi-los ou ao julgá-los incapazes de refletir e, portanto, de negociar”. Sendo assim, a imposição, que ignora qualquer possibilidade de negociação, pode ser tomada como uma característica essencialmente bárbara. O τύραννος é, portanto, o grego que possui poder monárquico e se deixa levar pelos sentimentos, pela ὕβρις, própria da tirania<sup>29</sup>, impondo sua vontade ferozmente sobre seus súditos. É por isso

<sup>25</sup> Quando os judeus aconselham a Nicanor, pedem a este que não venha a fazer seus irmãos de raça perecerem de modo ‘selvagem e bárbaro [ἀγρίως καὶ βαρβάρως]’ (2 Ma. 15.2), sendo atacados no ‘dia do repouso’ (2 Ma. 15.1), i.e., em um sábado. Cf. 2 Ma. 5.25. O ataque aos judeus no dia de sábado virou uma verdadeira estratégia militar (cf. Johns 1963; J., *AJ*, 12.1.1; *Ap.*, 1.205-211), uma vez que os judeus tinham como regra que não poderiam lutar em dia de sábado, por ser o dia de descanso, cf. *Ex.* 20.8-11; 31.14-15; 34.21; *Le.* 19.3; *De.* 5.12-15; *Ne.* 10.31; 13.15-22. Segundo M. Goodman e A. J. Holladay, esta era “a restrição mais potencialmente danosa na questão militar” (Goodman; Holladay 1986: 166). Não foi à toa, portanto, que a partir dos Macabeus (segundo 1 Ma. 2.39-41) ou dos Asmoneus, houve uma mudança de postura quanto a esta regra, permitindo-se a autodefesa. Cf. Borchardt 2015. Cf. também J., *BJ*, 1.145-147; 1.157-160; *D.C.*, 37.16; *Ev.Matt.* 24.20.

<sup>26</sup> Segundo H. Windisch, o principal sentido de βάρβαρος nos “apócrifos” (ou deuterocanônicos), é o de ‘selvagem’, ‘bruto’, ‘feroz’ e ‘incivilizado’. Cf. Windisch 1985: 546-553 (I).

<sup>27</sup> Uma diferenciação possível entre gregos e bárbaros se dá na comparação “entre a tirania absolutista de Xerxes [ou seja, dos Persas] e o autogoverno republicano da cidade grega” (Cartledge 2007: 309). Sobre as formas de governo possíveis e as percepções gregas sobre elas, cf. *Hdt.* 3.80-82; 5.92, que indica a monarquia como a forma de governo própria dos Persas (bárbaros). Em Heródoto, também, a mesma pessoa pode ser referenciada como τύραννος ou βασιλεύς, havendo aparentemente pouca diferença entre os termos. Cf. Ferrill 1978: 386-387. Sobre a tirania em Heródoto, cf. Ferrill 1978; Condilo 2009.

<sup>28</sup> Apesar de originalmente o termo τύραννος ter o sentido neutro de um soberano que não está limitado às leis ou constituições – a exemplo dos deuses (*h.Mart.*, 5; *A., Pr.*, 736; *Ar., Nu.*, 564; *S., Tr.*, 217) –, podendo até mesmo respeitá-las (cf. *Hdt.* 1.59.6), passou a designar o soberano que age de forma despótica (Th. 1.122,124), de forma cada vez mais pejorativa (*Luc., Ner.*, 2). Cf. LSI 1996: 1836. Em boa medida esta transformação se deu em decorrência da percepção negativa dos gregos sobre os tiranos Pisístrato, Hipias e Hiparco, que governaram Atenas contando com forte apoio popular. Os assassinos de Hiparco, Harmódio e Aristogiton, denominados “tiranicidas” (grego: τυραννοκτόνοι) não somente se tornaram símbolos da democracia grega, como ainda foram cultuados. A este respeito, cf. Podlecki 1966; Fornara 1968; Condilo 2007.

<sup>29</sup> Como destaca Arther Ferrill, há na obra de Heródoto a ideia (futuramente aristotélica) de que, apesar de um monarca oriental ser um legítimo βασιλεύς, a ὕβρις (própria dos reis persas) o faz um τύραννος. Cf. Ferrill 1978: 392. Como dirá Sófocles (*OT*, 873), “a ὕβρις produz o tirano” (ὕβρις φυτεύει τύραννον). Em 2 Macabeus, como veremos adiante, Antíoco será não somente nomeado τύραννος, mas também apresentado como um, através da sua fúria (θυμός) – aspecto próprio da ὕβρις de um soberano.

que Antíoco, em 2 Macabeus, não é somente denominado como ‘cruel tirano’ (ὠμὸν τύραννον, 2 *Ma.* 7.27), mas também é apresentado como aquele que impõe sua vontade sem espaço para negociações<sup>30</sup> por ser dominado pelos seus sentimentos<sup>31</sup>, especialmente pela fúria (θυμός)<sup>32</sup>: ‘enfurecido’ (ἔκθυμος), manda acender assadeiras e caldeirões para queimar quem lhe desobedecesse (2 *Ma.* 7.3), e ainda mais “enfurecido” (ἔκθυμος) ainda, ordena que o último dos sete irmãos martirizados seja morto “com crueldade ainda mais feroz que aos outros” (2 *Ma.* 7.39)<sup>33</sup>.

O fato de os sete irmãos terem sido chicoteados (2 *Ma.* 7.1) também indica o caráter tirânico de Antíoco. Afinal, como indicado por François Hartog (1999: 334), o déspota exerce seu poder sobre os corpos de seus súditos “antes de tudo pelo chicote”. Neste sentido, Antíoco, ao exercer poder “pelo chicote”, se assemelha a Cambisses, que manda chicotear os sacerdotes de Ápis (Hdt. 3.16,29), e a Xerxes, que chega a mandar chicotear o Helesponto (Hdt. 8.109). Porém, o poder despótico de Antíoco é vencido pelo poder ainda maior de Deus, que fica evidente não somente no fato de anjos chicotarem Heliodoro (2 *Ma.* 3.26,34), mas também no poder divino em fazer o mesmo com Antíoco (2 *Ma.* 5.18). Aquele que usa o chicote, portanto, é castigado pelo chicote divino.

É por estas razões que tanto Antíoco como seu superintendente na Judeia, Filipe, o frígio<sup>34</sup>, são designados como tendo ‘indole bárbara [βαρβαρώτερον ἔχοντα]’ (2 *Ma.* 5.22). Também Antíoco V, filho de Antíoco IV aparece “feito um bárbaro [βεβαρβαρωμένος] em seus sentimentos” (2 *Ma.* 13.9) quando possui más intenções para com os judeus. Todos estes usos do termo βάρβαρος indicam aspectos negativos dos selêucidas, conforme pode-se ver na tabela abaixo referente ao uso deste termo em 2 Macabeus.

Deste modo, com a aproximação da cultura grega ao βαρβαρισμός em 2 Macabeus, esta acaba se tornando o símbolo não somente dos ‘estrangeiros’ (ἀλλόφυλος)<sup>35</sup> em território judaico, mas justamente daqueles que são tidos como ‘algozes’ do povo judeu (cf. 2 *Ma.* 4.16), fazendo do próprio Ἑλληνισμός um problema e mesmo um defeito, e não uma qualidade<sup>36</sup>. É como se o Ἑλληνισμός fosse um βαρβαρισμός.

<sup>30</sup> Antíoco IV se apresenta em 2 Macabeus como bárbaro na medida em que impõe medidas aos judeus (2 *Ma.* 5.5-6.11), de modo completamente diferente de seu filho, Antíoco Eupátor, o qual busca negociar com os judeus (2 *Ma.* 11.13-38) e mesmo Antíoco V (2 *Ma.* 13.18-26).

<sup>31</sup> Na apresentação de Heródoto dos soberanos, a raiva/fúria é a característica chave dos monarcas persas, de modo que apesar de “Ciro ter prudentemente controlado, Xerxes lhe dá espaço, e no retrato de Cambisses se torna em loucura”, como lembra Tessa Rajak (2007: 111). Sobre a relação entre tirania/monarquia e raiva, cf. Pl., *R.*, 579c; *Carta de Aristéas* 253-254; Sêneca, *Ira*, 3.16.2.

<sup>32</sup> O termo grego θυμός é “extremamente difícil de se traduzir” (Rajak 2007: 111) uma vez que representa não somente a raiva/fúria, mas também o elemento da alma onde se dão os sentimentos fortes. De fato, em Homero é antes um fôlego de vida, usualmente relacionado ao termo ψυχή, que veio a conotar posteriormente a ideia de “alma”. Cf. Snell 2005: 9. Sobre o θυμός em Homero, cf. p.e.: Hom., *Il.*, 16.469,856; 23.671,880; *Od.*, 10.163; Lourenço 2016; Silva 2010.

<sup>33</sup> Em outro texto também há a referência de que Antíoco, ‘enfurecido’ (ἔλαβεν) por pensar que a Judeia se rebelara, atacara Jerusalém (2 *Ma.* 5.11). Também Demétrio é tomado pela fúria, porém quando é provocado pelas calúnias de Alcimo, cf. 2 *Ma.* 14.27.

<sup>34</sup> Cf. 2 *Ma.* 5.22-23; 6.11 e 8.8. Não deve ser confundido com Filipe “amigo do rei” (cf. 2 *Ma.* 9.29; 1 *Ma.* 6.14). Cf. BJ, 2013: 774, nota b.

<sup>35</sup> Cf. 2 *Ma.* 4.13; 10.2,5. O termo ἀλλόφυλος é utilizado na LXX, excetuando-se o Hexateuco (Pentateuco e Josué), estritamente como designação dos filisteus. Cf. Van der Kooij 2016: 401-408. Não está claro, porém, até que ponto carrega, em 2 Macabeus, tal caráter negativo resultante desta associação, uma vez que é utilizado de modo diferente na literatura judaica posterior, como em Filo e Josefo.

<sup>36</sup> Esta inversão é tida como algo evidente no que diz respeito à imagem dos gregos. Afinal, mesmo os judeus que apreciavam a cultura grega acabaram por perceber os defeitos dos mesmos: “Bem por isso uma situação penosa os envolveu, quando tiveram por inimigos e algozes aqueles mesmos cujos costumes eles tanto haviam promovido e a quem tinham querido assemelhar-se em tudo” (2 *Ma.* 4.16).



Tabela 1. Βαρβαρισμός em 2 Macabeus.

Número	Referência	Forma	Comentário
1	2 Ma. 2.21	βάββαρα	Referência ao exército selêucida (grego) expulso pelo exército dos macabeus como “hordas <i>bárbaras</i> ”.
2	2 Ma. 4.25	βαρβάρου	Caracterização do sumo sacerdote Menelau, que compactuou com Antíoco, como alguém que possui “os furores de tirano cruel e as sanhas de animal <i>selvagem</i> ”.
3	2 Ma. 5.22	βαρβαρώτερον	Comparação entre Antíoco e seu superintendente Filipe, o frígio, tido como “de índole mais <i>bárbara</i> ainda que aquele que o nomeara”.
4	2 Ma. 10.4	βαρβάρους	Os judeus pedem a Deus que não mais venham a cair nas mãos das “nações blasfemas e <i>bárbaras</i> ”. Provavelmente uma referência não somente aos selêucidas, mas também aos ptolomaicos, i.e., às monarquias helenísticas (gregos).
5	2 Ma. 13.9	βεβαρβαρωμένος	Indicação do estado de Antíoco V, “feito um <i>bárbaro</i> em seus sentimentos”, quando decide agir contra os judeus com medidas piores que as de seu pai (Antíoco IV).
6	2 Ma. 15.2	βαρβάρως	Referência de judeus à possibilidade de morte em dia de sábado, sendo considerada uma morte “selvagem e <i>bárbara</i> ” se efetuada por Nicanor.

## 5. Ἑλληνες em 2 Macabeus

Quanto aos gregos em geral, 2 Macabeus os apresenta como detentores de uma cultura oposta à cultura judaica, de modo que o termo Ἑλληνες (em suas diversas formas) é utilizado carregado de sentido negativo ou ainda em situação negativa, reforçando ainda mais a aproximação com a ideia de βαρβαρισμός, tão cara aos gregos.

Tal transformação de Ἑλληνισμός chega inclusive a lhe tirar o caráter de ‘virtude’ (ἀρετή)<sup>37</sup>: se para Teofrasto<sup>38</sup> o termo é designativo de uma ἀρετή, ou seja, de uma qualidade de valor coletivo<sup>39</sup>, para 2 Macabeus se torna um defeito que afeta negati-

<sup>37</sup> A respeito do termo grego ἀρετή, cf. LSJ 1996: 238.

<sup>38</sup> Teofrasto, em sua teoria do estilo perfeito, edifica-a em cinco partes, tomadas por ele como as “virtudes da dicção”, dentre as quais a primeira era justamente o Ἑλληνισμός. Cf. Jaeger 2002: 17, nota 6. Seguindo Teofrasto, Diógenes Laércio afirma que “há cinco virtudes do discurso [Ἀρεταὶ δὲ λόγου] – puro grego [Ἑλληνισμός], lucidez, consciência, apropriação, distinção. Puro grego [Ἑλληνισμός] significa a linguagem sem falha a ponto de a gramática estar livre de vulgaridades descuidadas” (D.L. 7.59).

<sup>39</sup> Bruno Snell lembra que a ἀρετή grega, pelo menos a um primeiro momento, “não se refere à vida moral, mas indica nobreza, capacidade, êxito e imponência” (Snell 2005: 168), sendo o que se esperava de um ἀνὴρ ἀγαθός, um homem ‘bom’ e ‘ativo’ socialmente, que recebe da comunidade a confirmação do seu valor. Cf. Snell 2005:

vamente o coletivo, estando também por esta razão bastante próximo da ideia grega de βαρβαρισμός. Afinal, é por conta do Ἑλληνισμός do monarca (impondo) e dos sumos sacerdotes (conspirando<sup>40</sup>), que acaba havendo uma crise política.

Tabela 2. Ἑλληνες em 2 Macabeus<sup>41</sup>.

Número	Referência	Forma	Comentário
1	2 Ma. 4.10	Ἑλληνικὸν	Os costumes gregos são introduzidos aos judeus em oposição aos costumes judaicos abolidos.
2	2 Ma. 4.13	Ἑλληνισμοῦ	O autor deduz que o “helenismo” corrompe os sacerdotes judeus e lhes afasta das práticas da cultura judaica.
3	2 Ma. 4.15	Ἑλληνικὰς	Continuação do tema do v. 13, onde os sacerdotes judeus praticam costumes gregos, contrários ao judaísmo.
4	2 Ma. 4.36	Ἑλλήνων	Os gregos se colocaram junto aos judeus sobre a morte de Onias. Um recurso literário para mostrar que a morte de Onias espantou até mesmo os gregos.
5	2 Ma. 6.8	Ἑλληνίδας	Costumes gregos e judeus colocados em oposição entre si.
6	2 Ma. 6.9	ἑλληνικὰ	Costumes gregos e judeus colocados em oposição entre si.
7	2 Ma. 11.2	Ἑλλησιν	Lísias pretende fazer de Jerusalém um assentamento para os gregos.
8	2 Ma. 11.24	Ἑλληνικὰ	Carta de Antíoco a Lísias que comenta sobre a oposição entre os costumes gregos e judeus.
9	2 Ma. 13.2	Ἑλληνικῆν	Gregos invadem a Judeia.

## 6. O significado de Ἑλληνισμός em 2 Macabeus

Se a imposição se vincula à tirania de Antíoco, a conspiração se vincula à traição por parte dos sacerdotes. O sentido de Ἑλληνισμός em 2 Macabeus, portanto, parece ter profundas relações com as ressignificações dos termos Ἀττικισμός e Λακωνισμός dentro da própria cultura grega: de modo semelhante a estes dois termos que signi-

168-169; Austin 2012: 6ss. É evidente que com a filosofia esta percepção de ἀρετή irá se transformar, trazendo o conceito ao interior do homem, porém, cabe lembrar que mesmo em contextos posteriores, como nas filosofias de Platão e Aristóteles, a ἀρετή permanece vinculada à sua visão original, permanecendo com certo caráter aristocrático. Cf. Jaeger 1995: 23-36 (esp. 34).

<sup>40</sup> É digno de nota que Simão, irmão de Menelau, espalha calúnias sobre Onias (III), afirmando que ele é um “conspirador contra a ordem pública” (2 Ma. 4.2). Cf. 2 Ma. 3.38.

<sup>41</sup> Tabela baseada em: Morrison 2004: 79-80.

ficavam inicialmente a fala da língua grega aos moldes ático (Ἀττικίζω) e lacônico (Λακωνίζω), mas que passaram a designar conspiração política (traição) com as cidades de Atenas (Ἀττικισμός) e Esparta (Λακωνισμός), também o termo Ἑλληνισμός, que inicialmente se referia à correta fala do grego, veio a ser identificado, dentro da lógica de 2 Macabeus, como uma designação do que foi tomado não somente como uma conspiração de alguns judeus com um monarca “grego” (Selêucida)<sup>42</sup>, mas também como uma traição cultural<sup>43</sup>. Afinal, os grandes propagadores do Ἑλληνισμός na Judeia, segundo o livro de 2 Macabeus, não são tanto os monarcas estrangeiros, mas antes os sumos sacerdotes judeus Jasão<sup>44</sup> e Menelau<sup>45</sup>, que sobem ao poder a partir de conspirações com o rei selêucida (cf. 2 Ma. 4.7-10,23-25), impondo costumes gregos à população judaica (cf. 2 Ma. 4.10-15) e traindo seus concidadãos (cf. 2 Ma. 5.15,23). Não é à toa, portanto, que Menelau é apresentado com fortes características bárbaras, afirmando-se que “tinha em si os furores de tirano cruel e as sanhas de animal selvagem [θρηδὸς βαρβάρου ὄργαζ ἔχων]” (2 Ma. 4.25) e ainda que “se fizera traidor das leis e da pátria” (2 Ma. 5.15).

Além da propensão ao furor e o caráter tirânico, também a própria caracterização de Menelau como tendo as “sanhas de um animal” o aproxima da barbárie. Afinal, o “bárbaro” tendia a ser apontado como alguém que se assemelha aos animais, seja pela incapacidade de comunicação, pela sexualidade explícita – afinal, acoplar em público, tal como se julgava que alguns “bárbaros” faziam (Str. 4.4.5; 4.5.4), era tido como uma prática própria dos animais (cf. Hdt. 3.101; Todorov 2010: 26) –, ou ainda pela extrema violência, como é o caso aqui. Tal violência, porém, não o assemelha somente aos bárbaros, mas também aos gregos, conforme se pode perceber quando o autor de 2 Macabeus afirma que ele “dominava seus concidadãos de modo ainda mais atroz que os outros” (2 Ma. 5.23).

<sup>42</sup> Também o ex-sumo sacerdote Alcimo confabula com Demétrio e trai seus compatriotas. Cf. 2 Ma. 14.1-14.

<sup>43</sup> Como bem demonstrou Graf, também o verbo Μηδίζω, que possuía o sentido de ficar ao lado dos persas (e não dos gregos), veio a ter um substantivo equivalente, a saber, Μηδισμός, associado à conspiração por parte de um grego com os persas, ou ainda a traição de sua pátria em benefício da Pérsia. Cf. Graf 1984: 15ss. Aqueles que conspiravam com a Pérsia, portanto, podiam ser também denominados de ‘traidores da Grécia’ (προδόντες τὴν Ἑλλάδα), cf. Hdt. 6.49. Também o termo βαρβαρίζω possuiu o sentido de se aliar aos ‘bárbaros’ (persas): cf. LSJ 1996: 306; X., HG, 5.2.35; Max.Tyr. 4.2.

<sup>44</sup> Jasão (Ἰάσων/Ἰασόν), filho de Simão II e irmão de Onias III (2 Ma. 4.7), foi o último sumo sacerdote da dinastia dos Oníadas. Seu nome hebraico, segundo Josefo (AJ, 12.237-241), era Jesús/Josué (Ἰησοῦς/Ἰησῆ). Cf. Amitay 2013: 3569. 2 Macabeus o declara como um “ímpio e de modo algum sumo sacerdote” (2 Ma. 4.13). Da mesma forma que sobe ao poder, subornando Antíoco, acaba sendo deposto (pelo mesmo monarca), sendo colocado Menelau em seu lugar. Cf. 2 Ma. 4.23. Quando Jasão pensa que Antíoco morreu, invade Jerusalém com um exército e luta contra Menelau, causando a morte de diversos judeus. Cf. 2 Ma. 5.6. Acaba sendo prisioneiro de Aretas, rei dos árabes, fugindo para o Egito e depois indo para Esparta, onde vem a morrer (2 Ma. 5.8-10). Sobre Jasão, cf. Amitay 2013: 3569-3570; Babota 2014: 48-53.

<sup>45</sup> Segundo 2 Macabeus, Menelau (Μενέλαος) era irmão de Simão (2 Ma. 4.23), que havia espalhado calúnias contra o antigo sumo sacerdote Onias (2 Ma. 4.1), e Lisímaco (2 Ma. 4.29). Era, portanto, provavelmente de uma família sacerdotal que não a dos Oníadas – possivelmente a família de Belga, cf. 1 Ch. 24.14; Ne. 12.5,18; Babota 2014: 54; Schwartz 2008: 95-96. Segundo Flávio Josefo (AJ, 12.238; cf. 20.235), Menelau seria irmão de Onias III e de Jasão, e teria também o nome hebraico Onias (יִינָי). Segundo Otto Mørkholm, porém, trata-se de uma tradição inventada, a fim de esconder o fato de o sumo sacerdócio judaico ter sido ocupado por uma pessoa de origem humilde e, talvez, de outra tribo que a de Levi (provavelmente era da tribo de Benjamin). O texto de 2 Macabeus culpa Menelau pelos problemas enfrentados pelos judeus, afirmando ser ele “o causador de toda essa maldade” (2 Ma. 4.47), referindo-se à morte de Onias (2 Ma. 4.30-38) e aos furtos sacrílegos efetuados por Lisímaco, “com o conhecimento de Menelau” (2 Ma. 4.39). Também afirma que ele, permanecendo no poder “graças à cobiça dos poderosos”, acabou “crescendo em maldade e constituindo-se no grande insidiador dos seus concidadãos” (2 Ma. 4.50).

Por todos os elementos apresentados, pode-se perceber que a adesão aos costumes gregos (Ἑλληνισμός), apesar de usualmente ser compreendida como um passo à “civilização”, passa a ser compreendida em 2 Macabeus como uma atitude de “barbarização” (βαρβαρισμός), para além de ser uma traição, tal como também aparece no relato de 1 Macabeus<sup>46</sup>.

## 7. Conclusões

O uso que 2 Macabeus faz do termo Ἑλληνισμός é importante não somente por fazer parte de um processo de ressignificação do termo dentro do contexto helenístico, mas também por se tornar um elemento central do texto. Afinal, tal transformação do Ἑλληνισμός em uma espécie de βαρβαρισμός serve para valorizar aquilo que lhe faz oposição, e que é expresso mediante o uso de um novo termo, Ἰουδαϊσμός, que não aparece antes de 2 Macabeus<sup>47</sup> e nem mesmo possui um equivalente em hebraico<sup>48</sup>. Os partidários da Revolta dos Macabeus, que 2 Macabeus descreve, não somente lutam contra o Ἑλληνισμός, mas também resistem a este em prol do Ἰουδαϊσμός. Assim, nota-se que o sentido próprio que o autor de 2 Macabeus dá a Ἑλληνισμός representa uma apropriação cultural judaica de um termo grego a fim de utilizá-lo justamente na afirmação identitária em oposição ao helenismo de seu contexto.

## Referências bibliográficas

- Amir, Y. (1984), «The Term Ἰουδαϊσμός (Ioudaismos), a Study in Jewish-Hellenistic Self-Identification», *Immanuel* 14: 34-41.
- Amitay, O. (2013), «Jason, Jewish High Priest», en R.S. Bagnall *et al.* (eds.), *The Encyclopedia of Ancient History [EAH]*, New York, Wiley-Blackwell: 3569-3570.
- Austin, M. (ed.) (2006), *The Hellenistic World from Alexander to the Roman Conquest: A Selection of Ancient Sources in Translation*, Cambridge, University Press.
- Bíblia de Jerusalém [BJ]* (2013), Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais sob a coordenação de G.S. Gorgulho, I. Storniolo e A.F. Anderson. São Paulo: Paulus.
- Austin, N. (2012), «Hellenismos», *Arion* 20: 5-36.
- Babota, V. (2014), *The Institution of the Hasmonean High Priesthood*, Leiden, Brill.

<sup>46</sup> “Por esses dias apareceu em Israel uma geração de perversos, que seduziram a muitos com estas palavras: ‘Vamos, façamos aliança com as nações circunvizinhas, pois muitos males caíram sobre nós desde que delas nos separamos’. Agradou-lhes tal modo de falar. E alguns dentre o povo apressaram-se em ir ter com o rei, o qual lhes deu autorização para observarem os costumes pagãos. Construíram, então, em Jerusalém, uma praça de esportes, segundo os costumes das nações, restabeleceram seus prepúcios e renegaram a Aliança sagrada. Assim associaram-se aos pagãos e *se venderam* para fazer o mal” (1 Ma. 1.11-15, BJ 2013, grifo nosso).

<sup>47</sup> Os casos mais antigos do uso deste termo são: três passagens de 2 Macabeus: 2.21 (Ἰουδαϊσμοῦ), 8.1 (Ἰουδαϊσμῶ) e 14.38 (Ἰουδαϊσμοῦ, 2 vezes); 4 Macabeus 4.26 (Ἰουδαϊσμόν); Gálatas 1.13-14 (Ἰουδαϊσμῶ, 2 vezes); uma inscrição dedicatória encontrada na sinagoga de Stobi (Ἰουδαϊσμόν); e uma inscrição funerária do cemitério judaico do Porto, na Itália (Ἰουδαϊσμῶ). Cf. Amir 1982: 35-36. Datando do séc. II a.C., 2 Macabeus é a mais antigas dentre estas ocorrências.

<sup>48</sup> Cabe destacar a afirmação de Steve Mason (2007: 460) de que “nenhuma palavra do antigo hebraico ou aramaico se aproxima do nosso ‘judaísmo’”. Há um termo hebraico correspondente a “judaísmo”, יהודי, mas este somente é atestado muito depois da escrita de 2 Macabeus (séc. II a.C.), por volta do séc. V d.C., aparecendo somente uma vez *Esther Rabbah* (7.11), sua primeira aparição. Cf. Mason 2007: 460, nota 9.

- Barr, J. (1989), «Hebrew, Aramaic and Greek in the Hellenistic Age», en W.D. Davies & L. Finkelstein (eds.), *The Cambridge History of Judaism*, Cambridge, University Press: 79-114.
- Bartlett, J.R. (1973), *The First and Second Books of the Maccabees*, Cambridge, University Press.
- Bohak, G. (2000), «Hellenism», en L.H. Schiffman & J.C. VanderKam (eds.), *Encyclopedia of the Dead Sea Scrolls*, Oxford, University Press: 350-352 (I).
- Borchardt, F. (2015), «Sabbath Observance, Sabbath Innovation: The Hasmoneans and Their Legacy as Interpreters of the Law», *JSJ* 46: 159-181.
- Bubenik, V. (2007), «The rise of Koine», en A.F. Christidis (ed.), *A History of Ancient Greek: From the Beginnings to Late Antiquity [HAG]*, Cambridge, University Press: 342-345.
- Cartledge, P. (2007), «Greeks and “barbarians”», en *HAG*: 307-313.
- Cohen, N.G. (2002), «Context and Connotation. Greek Words for Jewish Concepts in Philo», en J.L. Kugel (ed.), *Shem in the Tents of Japhet: Essays on the Encounter of Judaism and Hellenism*, Leiden, Brill: 31-61.
- Colledge, M. (1987), «Greek and non-Greek Interaction in the Art and Architecture of the Hellenistic East», en A. Kuhrt & S. Sherwin-White (eds.), *Hellenism in the East: The interaction of Greek and non-Greek civilizations from Syria to Central Asia after Alexander*, Berkeley, University of California Press: 134-162.
- Condilo, C.S. (2009), «Tiranía e pensamento político nas *Histórias* de Heródoto», *Codex* 1/2: 126-144.
- Ferrill, A. (1978), «Herodotus on Tyranny», *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte* *HZAG* 27: 385-398.
- Fornara, C.W. (1968), «The “Tradition” about the Murder of Hipparchus», *HZAG* 17: 400-424.
- García Martínez, F. (2003), «Greek Loanwords in the *Copper Scroll*», en F. García Martínez & G.P. Luttikhuisen (eds.), *Jerusalem, Alexandria, Rome: Studies in Ancient Cultural Interaction in Honour of A. Hilhorst*, Leiden, Brill: 119-145.
- Gillett, A. (2013), «Barbarians, *barbaroi*», en *EAH*: 1043-1045.
- Goldstein, J.A. (1983), *II Maccabees*. A New Translation with Introduction by Jonathan A. Goldstein, New York, Doubleday.
- Goodman, M. & Holladay, A.J. (1986), «Religious scruples in Ancient warfare», *CQ* 36: 151-171.
- Graf, D.F. (1984), «Medism: The Origin and Significance of the Term», *JHS* 104: 15-30.
- Gruen, E.S. (1998), *Heritage and Hellenism: The Reinvention of Jewish Tradition*, Berkeley: University of California Press.
- Hartog, F. (1999), *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*, Belo Horizonte, UFMG.
- Hengel, M. (1974), *Judaism and Hellenism: Studies in their Encounter in Palestine during the Early Hellenistic Period*, 2 vol., Philadelphia, Fortress Press.
- Honigman, S. (2014), *Tales of High Priests and Taxes: The Books of the Maccabees and the Judean Rebellion against Antiochus IV*, Oakland: University of California Press.
- Jaeger, W. (1995), *Paidéia: A Formação do Homem Grego*, São Paulo: Martins Fontes.
- Jaeger, W. (2002), *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*, Lisboa, Edições 70.
- Johns, A.F. (1963), «The Military Strategy of Sabbath attacks on the Jews», *VT* 13: 482-486.
- Kosmetatou, E. (2013), «Theophrastus», en *EAH*: 6691-6693.
- Lieberman, S. (1942), *Greek in Jewish Palestine: Studies in the Life and Manners of Jewish Palestine in the II-IV Centuries C.E.*, New York, Jewish Theological Seminary of America.

- Lourenço, E.C. (2016), *O Thymós nos poemas de Homero (Ilíada e Odisseia)*, Belo Horizonte, UFMG (Trabalho de Conclusão de Curso).
- [LSJ] Liddell, H.G., Scott, R. & Jones, H.S. (1996), *A Greek-English Lexicon*, Compiled by Henry George Liddell and Robert Scott. Revised and Augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones with the Assistance of Roderick McKenzie and with the cooperation of many scholars. With a revised Supplement. Oxford, Clarendon Press.
- [LXX] *Septuaginta* (2011). Id est VT graece iuxta LXX interpretes edidit Alfred Rahlfs. Editio altera quam recognovit et emendavit Robert Hanhart. Duo volumina in uno. Stuttgart, Sociedade Bíblica do Brasil - Deutsche Bibelgesellschaft.
- Mason, S. (2007), «Jews, Judaeans, Judaizing, Judaism: Problems of Categorization in Ancient History», *JSJ* 38: 457-512.
- Missiou, A. (2007), «The Hellenistic Period», en *HAG*: 325-341.
- Morrison, G. (2004), *Second Maccabees and Jewish Society: Representations of the Jewishness, Hellenism and the Interaction Between the Greeks and the Jews*, Canterbury, University of Canterbury (PhD Thesis).
- Mosley, D.J. (1971), «Greeks, barbarians, language and contact», *AncSoc* 2: 1-6.
- Plácido Suárez, D. (2007), «Las formas del poder personal: la monarquía, la realeza y la tiranía», *Gerión* 25: 127-166.
- Podlecki, A.J. (1966), «The Political Significance of the Athenian “Tyranicide”-Cult», *HZAG* 15: 129-141.
- Rajak, T. (2001), *The Jewish Dialogue with Greece and Rome: Studies in Cultural and Social Interaction*, Leiden, Brill.
- Rajak, T. (2007), «The Angry Tyrant», en T. Rajak et al. (eds.), *Jewish Perspectives on Hellenistic Rulers*, Berkeley, University of California Press: 110-127.
- Schwartz, D.R. (2008), *2 Maccabees*, Berlin, De Gruyter.
- Silva, B.M. (2010), «Thymós e psykhé nas obras homéricas», *I Congresso Internacional de Religião, Mito e Magia no Mundo Antigo & IX Fórum de debates em História Antiga*: 57-67.
- Snell, B. (2005), *A Cultura Grega e as origens do Pensamento Europeu*, São Paulo, Perspectiva.
- Stern, M. (ed.) (1976), *Greek and Latin Authors on Jews and Judaism, volume I: From Herodotus to Plutarch*, Jerusalem, The Israel Academy of Sciences and Humanities.
- Todorov, T. (2010), *O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações*, Petrópolis: Vozes.
- Torrey, C.C. (1904), «“Yāwān” and “Hellas” as Designations of the Seleucid Empire», *JAOS* 25: 302-311.
- Van der Kooij, A. (2016), «On the Use of ἀλλόφυλος in the Septuagint», en W. Kraus et al. (eds.), *XV Congress of the International Organization for Septuagint and Cognate Studies, Munich 2013*, Atlanta, SBL Press: 401-408.
- Van Henten, J.W. (2003), «2 Maccabees as a History of Liberation», en M. Mor et al. (eds.), *Jews and Gentiles in the Holy Land in the Days of the Second Temple, the Mishnah and the Talmud: A collection of articles*, Jerusalem, Yad Ben-Zvi Press: 63-86.
- Windisch, H. (1985), «βάρβαρος», en G. Kittel & G. Friedrich (eds.), *Theological Dictionary of the New Testament*, Grand Rapids, Wm. B. Eerdmans Publishing Co.: 546-553.